

# DA ANTROPOLOGIA À FICÇÃO SERTANEJA

*Cid Seixas*

---

*Estácio de Lima legou  
à posteridade uma obra  
essencial sobre o cangaco*

---

Há mais de meio século, precisamente no ano de 1965, o tanatologista, cate-drático das faculdades de Medicina e Direito da Universidade da Bahia, presidente do Conselho Penitenciário do Estado por algumas décadas, professor Estácio de Lima, publicou um livro que pode e deve ser chamado de memorável: *O Mundo Estranho dos Cangaceiros (Ensaio biossociológico)*.

Naquela época, a repercussão da obra de Euclides da Cunha, em meio não apenas aos eruditos, mas a todas as pessoas escolarizadas, era notável na Bahia e no Nordeste, se estendendo a outras regiões do país. Desse modo, não é de estranhar que, nas mais prestigiadas faculdades da Bahia, onde Nina Rodrigues iniciou sua trajetória e deixou seguidores, os estudos antropológicos ocupassem lugar de destaque, focando os limites da criminalidade na árida vida sertaneja. Convém observar que essa vertente teórica estava inteiramente contaminada pelos princípios lombrosianos, tidos como cristalina expressão da verdade científica de última moda.

*O mundo estranho dos cangaceiros*, de Estácio de Lima, maior obra de vulto publicada pelo autor, permaneceu um tanto velada, ou mesmo esquecida, até que, no final do século vinte, um ex-repórter – conhecedor do extraordinário

esforço do velho professor de Medicina Legal em defesa da reintegração dos remanescentes do cangaço à vida em sociedade – chamou a atenção de intelectuais baianos para o valor documental e textual dessa obra singular.

O antigo repórter, responsável pelo renascimento de interesse pelo livro, era o escritor e acadêmico Guido Guerra, que recolocou sob a atenção dos seus pares da Academia de Letras da Bahia e de outros espaços culturais a importância do alentado livro sobre o tema do cangaço. Foi em decorrência desse empenho que em 2006, ano do centenário de Nina Rodrigues, o professor Délio Pinheiro, ex-diretor do Instituto de Geociências da UFBA, na qualidade de Assessor de Cultura da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, conhecendo o entusiasmo de Guido Guerra pelo livro, resolveu publicar uma nova



Capa da primeira edição, de 1965,  
com pintura de Caribé

tiragem, pela Coleção Ponte da Memória, da Assembleia Legislativa.

Coube a mim, por escolha de Délio, preparar a segunda edição do livro, bem como cuidar da sua concepção gráfica. Conhecendo a vivência telúrica do pintor Juraci Dórea e suas fantásticas apreensões do universo sertanejo, pedi-lhe para pensar em novas ilustrações para a obra, vez que a edição *princeps* trazia uma pintura de capa feita por Caribé. Juraci, em pouco tempo, preparou dois quadros com motivos temáticos. Nasciam, assim, a capa, a contracapa e as orelhas da nova edição.

Nesse trabalho de reedição estiveram também envolvidos dois legistas e antigos assistentes do doutor Estácio de Lima, a professora Maria Teresa Pacheco e o professor Lamartine de Andrade Lima, convidados para fazer o Prefácio e o Posfácio da referida edição. Ambos conviveram durante longo tempo com

antigos integrantes do bando de Lampião que, sob a tutela do mestre Estácio de Lima, trabalharam em órgãos públicos estaduais e federais, em notável processo de reinserção social.

Devemos à Dra. Teresa Pacheco importantes informações tanto sobre a obra de Estácio de Lima quanto sobre a sua convivência com os cabras de Lampião recolhidos à Penitenciária do Estado. Em longas conversas, durante idas à sua residência, pude compreender parte do que o autor chamou de “o mundo estranho dos cangaceiros”.

Convém destacar que, antes de conhecer a sua obra essencial, Estácio de Lima realizou algo mais notável ainda: a análise criteriosa e a descrição da personalidade dos temidos cangaceiros. Dia após dia, como membro e depois presidente do Conselho Penitenciário, o médico e dentista, por formação acadêmica, e, posteriormente, criminologista, não

por ter “ralado” os bancos de uma faculdade de Direito, mas por ousadia intelectual e precisa intuição de estudioso pioneiro.

Advogados e juízes que se encarregaram dos processos dos temidos bandidos, como mostram os documentos da época, demonstraram o mais gritante despreparo para fazer justiça, deixando-se contaminar pelos clamores da opinião

Pintura de Juraci Dórea



pública, exaltada e fundada no ódio generalizado.

Estácio de Lima atuou no caso, simultaneamente, como médico, tanatologista, antropólogo e jurista. Espantosamente, conseguiu reverter quase todas as condenações a centenas de anos de prisão, proferidas contra os “cruéis guerreiros” das caatingas. Enquanto a opinião pública, a imprensa e os juristas viam o problema pelo ângulo cego da vingança exemplar da sociedade, contra aqueles que ousaram desafiá-la, a sensibilidade do doutor Estácio descortinava outros patamares. Foi o que lhe permitiu assegurar a reintegração total dos antigos cangaceiros à vida em sociedade.

Cumprido esse papel, por decisão de Deus ou do diabo – como poderiam supor os perseguidores dos cangaceiros – um cangaceirinho menino não teve a mesma sorte dos demais: Volta Seca. Aceito pelo bando, depois de muita re-



lutância do chefe, aos dez anos de idade, recaiu sobre o menino Antonio dos Santos toda a punição reservada ao cangaceirismo. Capturado ainda criança e trazido para a penitenciária de Salvador, Volta Seca ficou vinte anos preso, até que a defesa tenazmente materializada por Estácio de Lima levou o então presidente da república, Marechal Dutra, a conceder o indulto da pena. Isso depois do conceituado estudioso assumir responsabilidade total sobre os possíveis atos do antigo bandoleiro menino.

Para compor este pequeno e-book da coleção e-poket foi selecionado a sumário relato do autor de *O mundo estranho dos cangaceiros* sobre a chegada de Volta Seca ao bando de Lampião até a sua total aceitação pela sociedade da época, ainda traumatizada pelos trágicos acontecimentos.

Como os meninos e as mulheres foram figuras não muito comuns nas lides

guerreiras do cangaço, este pequeno livro que o leitor tem em mãos é aberto por uma contundente narrativa sobre a passagem da desafortunada Lídia pelas cruentas aventuras das caatingas. Nesta página de descrição biossocial que é também um conto breve e bem contado, o autor expõe o lugar de total aniquilamento da mulher no mundo sertanejo.

O poder de construção do texto, simultaneamente épico e dramático, demonstra o absoluto domínio de construção da escrita. Pode-se dizer que o médico Estácio de Lima não foi apenas um tanatologista, estudioso pioneiro dos fenômenos eclodidos no sertão. Assim como o engenheiro Euclides da Cunha, Estácio de Lima resvalou brilhantemente do estudo sócio biológico para o universo da mais pungente *arte da escrita*, fazendo nascer um narrador seguro do seu ofício.



O pequeno trecho do livro que se lê como pórtico do e-book, sendo, principalmente, uma acurada análise biossocial do mundo dos cangaceiros, é também um *miniconto* de forte tensão narrativa, que evidencia a vocação do escritor.

Por fim, lemos o trecho extraído do capítulo sobre a presença das crianças guerreiras no cangaço, dedicado a Volta Seca, que dá título a esta publicação eletrônica.

---

SEIXAS, Cid. Da antropologia à ficção sertaneja. In LIMA, Estácio de. *Volta Seca e o mundo estranho dos cangaceiros*. Salvador, E-Book.Br, 2020, p. 7-16. Disponível em [www.linguagens.ufba.br](http://www.linguagens.ufba.br).